

As perdas dos credores com a moratória brasileira

Seis grandes bancos dos EUA registram prejuízos. Por causa do Brasil.

Enquanto novas contas brasileiras começam a vencer hoje, nos Estados Unidos, e não serão pagas nem ainda cobradas formalmente, num total de US\$ 9,6 bilhões, seis grandes bancos norte-americanos revelam uma causa comum das perdas registradas em seus balancetes do primeiro trimestre deste ano: o Brasil.

Um dos bancos, o Mellon, de Pittsburgh, não só teve o seu primeiro prejuízo em 118 anos, com a ajuda do Brasil, como também uma crise que obrigou o seu presidente, J. David Barnes, a renunciar. E mais: no final do dia, ontem, mais três bancos de Virgínia, entre eles

o Sovran, teriam passado seus créditos brasileiros para o **status** de **non-accrual**, em que deixam de render juros. E o Citicorp, nosso maior credor, dava indicações de que poderá tomar uma decisão igual, já adotada pela maioria dos grandes bancos, no próximo dia 21.

"Amanhã (hoje) não será um dia fatal, como não foi dramático aquele tão esperado 31 de março, quando venciam as linhas de curto prazo comerciais e interbancárias", previa ontem um banqueiro de Nova York, falando por telefone ao **Jornal da Tarde**. E ele ainda explicou: "Estamos aqui diante de um valor que dá a impressão de

que temos que preencher um cheque e liquidá-lo. Mas não é nada disso. Todo dia, a partir de agora, haverá mais uma certa quantia de dinheiro vencendo".

Segundo este banqueiro, que pediu para não ser identificado, "o Brasil, um país muito rico que pode se dar o luxo de folgar cinco dias a partir de amanhã, não tem dinheiro e nada vai pagar. E os bancos credores, por um acordo de cavalheiros, não farão cobranças no momento". Esta situação é a prevista pelos telex do governo brasileiro e do comitê de assessoramento dos bancos credores que estão circulando pela comunidade

financeira internacional desde a última sexta-feira, mas que ainda não alcançaram os bancos com créditos médios e pequenos. O Brasil pede para não ser cobrado e o comitê dos bancos, liderado pelo Citicorp, repassa o pedido.

A mesma situação cerca até agora os vencimentos das linhas de curto prazo, em 31 de março. O Brasil apelou para que fossem mantidas abertas, e o comitê divulgou o pedido, sem uma recomendação favorável explícita.

A moratória brasileira já aparece nos balancetes do primeiro trimestre dos bancos americanos, ganhando destaque nos principais

jornais dos Estados Unidos, como a causa de alguns sérios prejuízos. O **Wall Street Journal** de ontem relacionou seis dos bancos atingidos, e um sétimo destacado, numa página com anúncio, citando o Brasil no título, e o **New York Times** abriu uma de suas páginas econômicas com dois deles, mencionando o Brasil por todo o texto.

O Chemical, de Nova York, foi o que apresentou as maiores perdas neste primeiro trimestre, caindo 16%.

Mas o caso mais dramático foi o do Banco Mellon, de Pittsburgh: o seu presidente, J. David Barnes, pediu demissão, pressionado por

membros da família Mellon. E o Brasil, aí, contou com 10 milhões de dólares, deixando de pagar os juros de seu empréstimo de 310 milhões de dólares — o restante dos prejuízos é atribuído a "péssimo gerenciamento". A conclusão é de um consultor financeiro de Nova York, David Cates: "Os negócios estão desfavoráveis para os grandes bancos". Eles estariam descobrindo uma nova tendência, a de que a vida fica muito difícil depois de alguns empréstimos.

Moisés Rabinovici,
de Washington